

## CISMAS DE VELHO

Apparício Silva Rillo

Quando a garoa do inverno  
me atropela pro galpão,  
chego a chaleira ao tição,  
corto um crioulo a preceito,  
e abrindo as varas do peito  
me ponho triste, a cismar.  
E logo veio apontar  
- furando a garoa mansa -  
a tropilha da lembrança  
que eu nunca pude amansar.

É balda de quem é velho  
viver jungido ao passado:  
- como um boi magro e cansado  
sofrendo ao peso da canga,  
mas que paciente e sem zanga  
vai mascando a malagueta  
que é o carreteiro sotreta  
que não lhe afrouxa o serviço.  
E o boi velho, nem por isso  
deixa de amar a carreta.

Por mais que tenha sofrido  
sempre um velho ama o passado.  
Como um matungo estropiado  
que já não dá mais rodeio,  
que gastou no aço do freio  
seu derradeiro colmilho;  
que nunca conheceu milho,  
nunca passou do capim.  
E o matungo, mesmo assim,  
tem saudade do lombilho.

Mesmo com marcas no couro  
de algum puaço mais forte,  
mesmo sabendo que a sorte  
lhe foi ventena e mesquinha,  
um velho quando se aninha  
no achego dos pensamentos,  
disfarça esses maus momentos  
nalguma fresta do peito,  
como um remendo bem-feito  
que se tapeia nos tentos.

Esta verdade é sabida  
dos chirus mais veteranos:  
- que no rebolo dos anos  
mesmo as horas mais funestas  
vão embotando as arestas,  
tomando um novo feitio.

E acaba sempre sem fio  
o punhal dos desenganos  
porque o rebolo dos anos  
gira sempre de arrepio...